

História da Matemática

Editor:
Luís Saraiva

AS PRIMEIRAS MULHERES ASSISTENTES E DOUTORADAS NA SECÇÃO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (1961 A 1986)

João Luís da Costa Nunes
Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria
Cantanhede
e-mail: nunes.joaol@gmail.com

*«Segundo parece, a ciência não é assexuada: é um homem, um pai
e está contaminada também.»*

Virginia Woolf, 1938

Resumo: A presença de mulheres no quadro docente da Secção das Ciências Matemáticas da Universidade de Coimbra (UC) teve início em 1961/1962, ano letivo em que foram contratadas as duas primeiras.

Porque é que tiveram de concorrer e não foram convidadas, como era prática comum? Porque é que a Secção das Ciências Matemáticas foi a última a contratar mulheres para o seu quadro docente (mais de vinte anos depois das Secções de Botânica, Zoologia e Química, por exemplo)? Será que o primeiro doutoramento de uma mulher em Matemática na UC ocorreu mais tarde do que nas outras áreas?

Existiriam forças de bloqueio na Secção para que a sua admissão não tivesse sido igual à dos homens? E fora, será que a família pesou?

Recorrendo aos Anuários da UC, entrevistas, processos de docentes, atas e registos dos Serviços Académicos, apresentamos dados que permitem inferir se de facto a Secção das Ciências Matemáticas era pouco recetiva à presença das mulheres docentes não acreditando nas suas capacidades e/ou se as mulheres, por opção pessoal, abandonaram a ideia de seguir uma carreira académica em benefício de uma vida familiar que entretanto haviam abraçado ou pretendiam abraçar.

Analizamos ainda o percurso feito pela maioria destas primeiras mulheres assistentes (de 1961 a 1971, ano em que se doutorou a primeira mulher em Matemática na UC) quer tenham seguido ou não a carreira académica.

A par da presença feminina nesta Secção na década de 60 do século XX, olhamos para o que se passava nas outras Faculdades e Secções da UC, bem como na área da Matemática em todo o país, no que toca a mulheres doutoradas. Percorremos os trajetos das doze primeiras a doutorar-se (até 1986): para onde tiveram de ir, a idade com que o fizeram, a que áreas científicas se dedicaram, bem como (e de novo) se tiveram (mais) dificuldades a consegui-lo por serem mulheres e/ou mães.

Abstract Women firstly began to be part of the staff of the Faculty of Mathematics of the University of Coimbra in the school year of 1961/1962 when the first two women were hired.

Why did they have to apply for the job instead of being invited to it as it was common practice? Why was the Faculty of Mathematics the last to hire women to their faculty staff (more than twenty years after the Faculty of Botany, Zoology and Chemistry, for example)? Did the first Doctor of Philosophy in the field of Mathematics of the University of Coimbra take place later than that of women researching in other fields?

Were there deterrents within the Faculty that prevented their hiring from being different to hiring men? Beyond the Faculty sphere, did family have any bearing?

In order to infer whether the Faculty of Mathematics was indeed unreceptive to having female staff members, we used information withdrawn from year books, interviews, personal files/files of professors, records of meetings and records belonging to the administration of the University. Other bordering questions were whether such unreceptiveness derived from the belief that women were not as able and/or whether women put aside the idea of an academic career for personal or family reasons.

This article includes information on the path taken by most of these female assistant professors between 1961 and 1971, when the first woman was awarded a Doctor of Philosophy in the University of Coimbra. Our

interest in these women has covered information within and beyond the academic career.

As we look at female presence in the Faculty of Mathematics in the 1960s, we also intend to take a glimpse at what was happening in other faculties of the University of Coimbra as well as to the women holding PhDs in other faculties in the country. We will cover the academic path of the twelve women who were awarded a PhD (until 1986), we will cover the places they had to be (where they had to study) how old they were, which field of research they took an interest in and, once again, we will discuss/determine/try to determine whether they found it hard(er) because of femaleness and motherhood.

palavras-chave: Mulheres, Matemática, primeiras assistentes e doutoras, Universidade de Coimbra

keywords: Women, Mathematics, first female professors, female professors, University of Coimbra

Talvez por distração, não me tenha apercebido que (só) em 1971 a Universidade de Coimbra (UC) teve a primeira mulher doutorada em Matemática. Refira-se que nasci em 1969. Sabemos que em boa parte do século XX (já para não falar antes) «Os homens avançavam sempre mais» e «a carreira académica não era para mulheres», conforme ouvimos de Maria José Tarujo de Almeida (Ovar, 18/3/1927), licenciada em Ciências Matemáticas na UC em 1951/1952. Na UC e na área da Matemática, o acesso das mulheres ao lugar de assistente tardou mais do que nas outras áreas. Percorremos a presença feminina nestas funções desde 1961/1962, ano de contratação das duas primeiras até 1970/1971, altura em que o seu número estabilizou e também porque foi em 1971 que a primeira mulher se doutorou em Matemática na UC. De seguida, percorremos o período até 1986, ano de doutoramento da primeira mulher na área da Computação.

A primeira mulher a exercer funções docentes na UC foi Carolina Michaëlis (de Vasconcelos), nomeada professora ordinária da Faculdade de Letras (Grupo de Filologia Germânica) a 31 de agosto de 1912, lugar que ocupou quase até à data da sua morte em novembro de 1925 ([4], p. 103).

Dos dados disponíveis, constatou-se que, só em 1934, a UC voltou a contar com a presença de duas mulheres como docentes, desta feita nas áreas da Botânica e da Zoologia/ Antropologia, 2º e 3º Grupos da 3ª Secção da Faculdade de Ciências (FC). Na Botânica, Ester da Conceição Pereira de Sousa exerceu funções de 2ª assistente provisória de abril a outubro de 1934. Carolina Augusta Silvestre de Albuquerque exerceu funções de assistente

provisória na área da Zoologia, pelo menos no ano letivo de 1934/1935, uma vez que em anos posteriores já não há a si qualquer referência ([5], pp. 297 e 316).

Em junho de 1938, o 2º Grupo da 2ª Secção (Química) acolheu outra mulher: Leonor Maria da Piedade Flores que tomou posse como segunda assistente (cf. Anuário de 1938/1939).

A seguir, a Escola de Farmácia contratou Maria Serpa dos Santos em 1948, como primeira assistente. Esta havia-se doutorado no ano anterior na Universidade do Porto, tendo sido a primeira a fazê-lo na sua área ([4], pp. 103, 104) e tornando-se assim na primeira mulher doutorada a ser contratada pela UC. Foi também no ano letivo de 1948/1949 que o 1º Grupo da 2ª Secção da Faculdade de Ciências (Física) contratou pela primeira vez duas segundas assistentes: Maria Alice Furtado Alves e Maria Amália de Freitas Tavares (cf. Anuário de 1948/1949).

A Faculdade de Letras da UC (FLUC) contou pela primeira vez com uma segunda assistente além do quadro em 1951, Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira para o Grupo de Filologia Clássica (cf. Anuário de 1951/1952).

A Faculdade de Medicina contratou pela primeira vez uma assistente em abril de 1957 para o Grupo de Psiquiatria/ Neurologia, Maria Rosa Assunção de Alvim Dias e Costa.

No mesmo ano, mas em outubro, foi a Faculdade de Direito a contratar as segundas assistentes Maria da Nazareth Lobato Guimarães e Maria Rosa Graça de Lemos Crucho de Almeida para o Grupo de Ciências Jurídicas. No ano letivo de 1957/1958 foi a vez do 3º Grupo (Patologia) e do 1º Grupo (Anatomia) da Faculdade de Medicina contratarem as segundas assistentes além do quadro, Maria Irene Valente Baptista e Maria Isabel Coelho de Oliveira, respetivamente (cf. Anuário de 1957/1958). Em 1958/1959 foram os 3º (Patologia Geral) e 6º (Clínica Pediátrica e Puericultura) Grupos desta Faculdade a contratarem pela primeira vez mulheres assistentes: Henriqueta Luísa Mendes Antunes Breda e Maria Teresa Machado da Graça Malaquias, respetivamente.

A 23 de janeiro do ano letivo seguinte (1958/1959) o 2º Grupo da 1ª Secção da Faculdade de Letras (Filologia Românica) contratou a primeira mulher assistente: Ofélia Milheiro Caldas (Paiva Monteiro).

Refira-se que até ao ano letivo de 1960/1961 (inclusive) todas as Faculdades da UC (Direito, Letras, Medicina), Escola de Farmácia e em particular as 2ª e 3ª Secções da Faculdade de Ciências (FC) já tinham contratado mulheres para assistentes. Só a 1ª Secção, a das Ciências Matemáticas não o havia ainda feito. Refira-se que a contratação destas mulheres (algumas

das vezes breve) não se traduziu naturalmente em igual número de carreiras académicas universitárias trilhadas. Acrescente-se mesmo que a maioria das contratadas não seguiu este caminho.

Analisemo-la agora e, numa primeira fase, o que conseguimos apurar até ao ano de contratação das duas primeiras assistentes, facto que ocorreu no ano letivo de 1961/1962.

Anteriormente terá havido uma tentativa de contratar pelo menos duas mulheres (uma para assistente e a outra para desenvolver trabalho de investigadora). A primeira terá sido Maria Madalena Bagão da Silva Biscaia, licenciada com dezasseis valores no dia 31 de julho de 1944, nascida a 28 de abril de 1923 na Figueira da Foz e aluna distinta (com dezasseis ou mais valores) na maioria das cadeiras do seu Curso.

O percurso académico desta aluna não terá passado despercebido a João Pereira Dias, Diretor da Faculdade de Ciências e professor da Secção das Ciências Matemáticas, sendo disso prova o que encontrámos a respeito no processo de docente de Maria Madalena Biscaia (Arquivo da UC, caixa 21-A). Embora este processo exista, efetivamente nunca exerceu tais funções. De facto, a 23 de outubro de 1946, dois anos após a conclusão da licenciatura, Madalena Biscaia foi certamente sondada para exercer funções de assistente, uma vez que João Pereira Dias, o Diretor acima referido, enviou carta ao Reitor da UC com o seguinte teor:

«Sendo de prever que no decurso do corrente ano lectivo haja necessidade de recorrer ao serviço de assistentes, além do quadro, no 1º Grupo da 1ª Secção (Análise e Geometria), o conselho escolar desta Faculdade, reunido ontem, incumbiu-me de rogar a V. Ex^a que se digne solicitar autorização para oportunamente contratar (...) a licenciada em Ciências Matemáticas com a classificação final de 16 valores, Maria Madalena Bagão da Silva Biscaia, de 23 anos de idade, casada, filha de (...) residente em Coimbra, (...)».

Foi anexada uma declaração afirmando que a licenciada em questão «(...) pode exercer as funções de segundo assistente do 1º Grupo da 1ª Secção (...) não havendo disposição legal ou regulamentar que a obrigue a abandonar essas funções antes de expirar o prazo que se pretende fixar para a validade do seu contrato».

Com esta documentação em seu poder, o Vice-Reitor (José Carlos Moreira) enviou o pedido para o Diretor Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes (João de Almeida) incluindo a informação que que anexou «boletins da PVDE» (que não figuram no processo). Em dezembro do mesmo ano, o Subsecretário de Estado da Educação Nacional (Rui de Sá Carneiro) respondeu ao Reitor da UC da seguinte forma: «Aguarde justificação». Este

facto foi comunicado ao Diretor da FC com data de 6 de janeiro de 1947, a mesma em que também informava que, de acordo com Despacho ministerial (o Ministro era José Caeiro da Mata) de 31 de dezembro de 1946, «não é de autorizar o contrato». A data de entrada na UC deste Despacho foi de 3 de janeiro de 1947, um dia depois do Diretor Geral do Ensino Superior ter lavrado a comunicação. Concluimos que a FC teve conhecimento das duas respostas no mesmo dia.

O procedimento usado com esta candidata ao lugar de assistente foi repetido com três outros candidatos que se apresentaram ao seu lado: três homens com médias de dezassete (um) e quinze (dois). Todos eles foram aceites e exerceram as funções a que se candidataram ([1] ata de 21/10/1946, p.212-v; Processos de docentes da FCUC, AUC: caixa 113, 152; caixa 105, 41; caixa 132, 1817).

Maria Madalena Biscaia estava condenada a não ser assistente na UC pois viveu uma situação análoga cerca de dez anos depois.

Maria Madalena Biscaia acompanhou o marido, João José Lopes Farinha (licenciado também em Ciências Matemáticas na UC em 1934), a Paris quando este já era doutorado e bolseiro do Instituto de Alta Cultura (IAC) e da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG). Foi em França que João Farinha faleceu vitimado por problemas cardíacos, em outubro de 1957. O seu corpo foi trazido para Portugal, por avião, facilidade conseguida pelo então presidente da Fundação, José Azeredo Perdigão. A jovem viúva, com 34 anos, ficou inconsolável com a morte de seu marido que tão cedo partia e recolheu a «casa de seus pais, na Figueira da Foz, (...) não saía e mantinha as janelas do quarto fechadas, como se tivesse pejo ou medo de ver a luz do Sol. A vida como que tinha cessado para ela» ([6] , p. 125) .

Manuel de Almeida Trindade, padre (que viria a ser bispo de Aveiro a partir de 1962), professor na FLUC da cadeira de Origens do Cristianismo e seu amigo, visitou-a e sabendo que o lugar de professor de História da Música estava vago, ocorreu-lhe, «como quem atira a um náufrago uma tábua de salvação» ([6] , p. 125) perguntar se não gostaria (dado que tinha o Curso Superior de Piano do Conservatório) de ocupar tal lugar. Maria Madalena Biscaia admitiu ser algo que gostaria de fazer, mas referindo o seu estado, tinha dúvidas se conseguiria. Manuel Trindade prometeu no regresso a Coimbra falar no caso às autoridades académicas e propôs-lhe a abertura das janelas e o levanto da cama, onde definhava. «Fez como lhe disse, (...)». ([6] , p. 126) Contudo, apesar dos esforços, Maria Madalena Biscaia não foi aceite na FLUC e as razões encontradas por Trindade foram que «O marido (...) tinha sido conhecido desde os seus tempos de estudante como de pouca

simpatia pelo regime vigente». Contudo, refira-se que João Farinha havia sido contratado para assistente da Secção das Matemáticas em dezembro de 1949. Estamos em crer que não foi a antipatia do marido acima referida que tenha impedido Maria Madalena Biscaia de entrar como assistente na UC por duas vezes, já que ao próprio não impediu. Se alguma má vontade existiu pode ter tido origem no facto de ter pertencido ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas do qual foi sócia e subscritora do abaixo-assinado para a formação de uma delegação em Coimbra (1946). É de realçar que este Conselho foi dissolvido pelo Estado Novo em 1947) e dedicou-se à defesa dos direitos sociais e políticos das mulheres. Será que a sua participação no Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) ou ter um pai republicano e opositor ao regime do Estado Novo podem (também) ter influenciado na decisão de a deixar de fora do elenco dos docentes da UC?

Quando estava mais recomposta da perda do marido, rumou a Lisboa para agradecer a Azeredo Perdigão o seu procedimento (e o da FCG) aquando da morte do marido. Conversaram sobre as perdas de ambos, sobre os recomeços e foi desafiada a trabalhar na Fundação. Aceitou e foi trabalhar para o setor da Música. «Da admiração veio a amizade; e desta surgiu o amor. Um amor mútuo. Estavam os dois livres para poder refazer o lar» ([6], p. 126). Casaram-se na pequena capela do Patriarcado de Lisboa, com a bênção do amigo de Azeredo Perdigão, o Cardeal Cerejeira. Surge assim o nome pelo qual ficou mais conhecida esta mulher licenciada em Matemática nos anos 40: Madalena Azeredo Perdigão, figura ímpar ao serviço da FCG.

O seu processo de docente da UC é justificado unicamente pelos esforços (e documentos) feitos na tentativa da sua contratação que se se tivesse concretizado, antecipava quinze anos a estreia de uma mulher assistente na Secção das Ciências Matemáticas. Refira-se que chegou a exercer funções como professora de Matemática no ensino liceal.

A outra mulher (de que tivemos conhecimento) e que poderia ter antecipado a história da presença feminina (assistentes e investigadoras) na Secção das Ciências Matemáticas foi Maria de Lurdes da Silva Maia, nascida em Paranhos, Porto, a 15 de abril de 1926. Licenciou-se com dezoito valores, sendo a terceira aluna que encontrámos desde o ano letivo de 1891/1892 a alcançar tal média final. Foi aluna distinta em todas as cadeiras do Curso exceto em duas. Foi seu dileto professor o já referido João Farinha que apercebendo-se das capacidades desta aluna a valorizou sempre, tendo imenso «brio nas (suas) notas», afirmou-nos a própria em entrevista em maio de 2012. A ligação com este professor fez com que, em 1953, a recém-licenciada Maria de Lurdes Maia recebesse dele a proposta de permanecer na Universidade

a trabalhar. Segundo as suas palavras seria para desenvolver um trabalho de investigação pós licenciatura. Contudo, o facto de ser Religiosa (Doroteia) e do dever de obediência à sua Congregação, teve de cumprir o que para si estava destinado: lecionar num colégio de Doroteias onde os seus serviços eram necessários. João Farinha insistiu na importância e relevância do feito até perante as outras Congregações. Porém, a Superiora de Irmã Maia (assim foi sempre conhecida) respondeu-lhe que salientarem-se não era propósito da espiritualidade das Doroteias. Acrescente-se que, segundo nos afirmou, entre 1963 e 1967 quando exercia funções no Colégio do Sardão, lhe surgiu um convite inesperado: José Bayolo Pacheco de Amorim, professor na Secção de Ciências Matemáticas da UC, falou à Provincial das Doroteias com vista a convidar Irmã Maia para assistente. Desta vez foi a própria que não aceitou o desafio por achar que já estava longe dos conteúdos das cadeiras universitárias. Refira-se que nesta altura já havia outras mulheres assistentes na Secção em causa, o que não acontecia dez anos antes, aquando do primeiro convite que recebeu.

Foi então no ano letivo de 1961/1962 que a referida Secção passou a ter no seu elenco docente as duas primeiras assistentes além do quadro: Fernanda Aragão Aleixo (Castro Vicente, Mogadouro, 28/3/1933) e Maria Carlos Ferreira Vilar de Figueiredo (Vila Real, 24/6/1940), licenciadas em 1960/1961 com dezassete e dezasseis valores, respetivamente. Consultando a ata da sessão de 31 de julho de 1961 da Faculdade de Ciências, realizada às 15 horas, pudemos ler: «(...) Tratou-se depois do contrato de novos assistentes. Como a Secção de Matemática necessita de três assistentes foi decidido convidar para preencher um dos lugares o licenciado Graciano Neves Oliveira e abrir concurso para o preenchimento dos outros dois (...)» ([1] ata de 31/7/1961, p.41).

Na ata da sessão de 12 de outubro de 1961 da mesma Faculdade consta que houve «(...) problemas com contratação de assistentes(...)» ([1] ata de 12/10/1961, p.43), sendo esta a única informação a respeito da contratação de assistentes na referida Secção. Contudo, sabemos do Anuário de 1961/1962 e do processo de uma das docentes envolvidas que Fernanda Aragão Aleixo e Maria Carlos Ferreira Vilar de Figueiredo são contratadas «por conveniência urgente serviço» (como seriam todas as contratações para lugares além do quadro) para segundas assistentes a 2 de novembro de 1961.

A abertura de concurso para estas mulheres (as primeiras) não fez regra, isto é, todas as mulheres assistentes que se lhes seguiram entraram para assistentes por convite, tal como aconteceu com Graciano de Oliveira em

1961. António Ribeiro Gomes, professor catedrático aposentado da Secção, afirmou-nos que, ele próprio, após o primeiro concurso (1961), fez convites a mulheres para o lugar de assistente. Acrescentou-nos que no seu regresso a Portugal (vindo de França) já Fernanda Aleixo ocupava o lugar de assistente e «não estranhou ver uma mulher (ou mais) ali». Referiu-nos que estavam a ser dados os primeiros passos no sentido de haver uma visão menos conservadora desta e doutras questões. «Era o início da influência e do poder de pessoas como José Bayolo Pacheco de Amorim e de Luís Albuquerque que se opunham ao estilo mais clássico e conservador de Manuel Esparteiro e de Diogo Pacheco de Amorim», segundo nos adiantou. Questionado sobre como eram vistas as mulheres assistentes com anseio de seguir carreira académica, Ribeiro Gomes respondeu-nos que «não havia diferença».

Encontrámos na referida ata de outubro de 1961 um outro procedimento diferente do seguido na 1ª Secção relativo à contratação de uma assistente para a 3ª Secção/3º Grupo da mesma Faculdade: «(...) Também em nome do Dr. Xavier da Cunha foi pedido o contrato da licenciada Maria da Conceição Rodrigues para o lugar de 2ª assistente de Zoologia. Foi aceite a proposta (...)» ([1] ata de 12/10/1961, p.43). Nesta Secção foi trazido um nome (por acaso de uma mulher) que alguém considerava ser a pessoa certa para o lugar e o que seria o procedimento usual... Não encontrámos nas atas da Faculdade de Ciências nos anos imediatamente próximos qualquer outro concurso para preenchimento de vagas de assistentes. Na década de quarenta, por exemplo, quando era evidente o problema da contratação de assistentes por falta de autorização superior apesar das necessidades, encontrámos em ata de 21/10/1946 (p. 212-v) a informação de que Pereira Dias (diretor da FC) diz ter enviado nova exposição ao Ministro da Educação Nacional sobre o «caso dos assistentes» e que não obteve resposta. Mais informava que apareceram quatro candidatos a assistentes da 1ª Secção. Nos processos individuais de dois deles (Processos de docentes da FCUC, AUC: caixa 113, 152; caixa 105, 41) existe uma declaração de intenção de ser admitido como assistente. Num dos casos, a declaração tem data do dia a seguir à reunião acima referida (22/10/1946). Fica claro que só ocupavam os lugares quem os professores das referidas Secções tinham em mente. Esta formalidade e procedimento não se repetiram por exemplo em 1949, quando na reunião de 30 de novembro se aprovam as informações finais dos alunos licenciados (p. 68) e o mesmo Diretor propõe um dos finalistas com média de dezassete valores para assistente (p. 68-v).

A 9 de novembro de 1961, em reunião similar, pudemos ler em ata: «(...) O Dr. Manuel Murta informou o Conselho de que procurou arranjar assistente para as aulas práticas de Topografia, mas que até ao momento presente não o tinha conseguido, (...)». Porque não voltaram a abrir concurso como haviam feito em julho é algo que podemos questionar.

No final do ano letivo, em ata de 19 de julho de 1962, pudemos ler: «(...) estando a diminuir as disponibilidades da Faculdade que permitiam a realização de contratos além do quadro, já pediu este ano um reforço na verba (...)» ([1] ata de 19/7/1962, p.59-verso). Na ata do dia trinta e um do mesmo mês, pudemos ainda encontrar preocupações na perda de talentos: «(...) o Diretor disse ter sido procurado por dois alunos que agora concluíram as suas licenciaturas em Ciências Matemáticas, os quais desejavam saber se a Faculdade precisa dos seus serviços, pois, caso contrário, desejavam concorrer às bolsas de estudo do Centro de Cálculo Científico da Fundação Gulbenkian. (...) O Dr. Pacheco de Amorim disse ser conveniente contratar um dos referenciados licenciados (...), pelo que propõe (...) que se convide o licenciado José Manuel dos Santos Simões Pereira (...), ficando o seu contrato dependente da existência de verba (...)» ([1] ata de 31/7/1962, p.63-verso).

Para além deste licenciado, o Dr. Manuel Murta sugeriu a contratação de mais dois homens com médias de dezasseis e dezassete valores. O Conselho da Faculdade concordou e decidiu convidar os três.

Este interesse em contratar, convidando alunos que se destacaram no seu percurso académico, não ocorreu um ano antes, quando convidaram Graciano de Oliveira e não o fizeram com as duas mulheres que foram colocadas por concurso como assistentes na Secção.

As contratadas em 1961/1962 quando confrontadas com esta disparidade de procedimentos (em entrevistas realizadas em 2013 e 2014) afirmaram que estava instituída na Secção e nos professores mais antigos e poderosos a ideia que não «deviam convidar mulheres» para além de que também a maioria «não acreditava» muito nelas. Quem o afirmou foi Fernanda Aleixo que finalizou a sua visão com «quem não acreditava foi obrigado a acreditar», uma vez que as mulheres foram necessárias já que muitos homens tiveram de sair do país para cumprirem o serviço militar nas ex-colónias.



Fernanda Aleixo num jantar no momento em que Manuel Esparteiro (de pé) discursava.

(Fotografia da coleção particular de Maria Arnalda Vasconcelos)

Maria Carlos de Figueiredo informou-nos que foi «convidada para assistente pelo Professor Luís Albuquerque» acrescentando que, de acordo com aquilo que lhe foi dito na altura, «o professor Manuel dos Reis, não queria mulheres na Secção de Matemática», por isso teve de concorrer. Sobre este concurso alvitrou: «-É provável que o tenham "obrigado" a retirar o convite. Por questões políticas o prof. Albuquerque era mal visto por alguns dos seus colegas». Lembrou-se vagamente que o processo do concurso envolveu entrega simples de documentos (certificado de habilitações e preenchimento de ficha própria?) na FCUC.

Ficamos na dúvida se este concurso não foi de facto lançado para estas duas mulheres correspondendo assim à melhor solução encontrada para conciliar as duas fações: a formada pelos professores mais conservadores que não aceitavam um convite formal a uma mulher e à constituída por aqueles que nada tinham contra e/ou até apoiavam a mudança.

Em contactos com outras mulheres assistentes nos anos 60 do século XX, esta ideia de que havia professores que viam com desagrado a presença feminina era recorrente. Maria João Bessa (Oliveiros) afirmou-nos que, em

setembro de 1966, foi informada por Simões da Silva (recém-doutorado) que Manuel dos Reis queria falar com ela para a convidar para assistente. Este encontro deu-se na casa de Manuel dos Reis que só a atendeu depois de a ter feito esperar duas horas. Este convite não deixa de causar alguma estranheza e de ser algo inédito por se saber que Manuel dos Reis «não queria nem mulheres nem padres (que também usavam saias), na Secção de Matemática», como nos disse Maria João Bessa em entrevista (março de 2013). A explicação encontrada pela convidada prende-se com o facto de achar que Manuel dos Reis lhe reconhecia mérito na média de dezasseis valores e numa oral na qual ela seguiu um processo de resolução diferente do proposto e que estava correto. Recordou-nos que ouviu de Manuel dos Reis, algo «desconcertado», «- Tem razão! Também está certo!».

Fernanda Aleixo referiu-nos que «Ao entrar para assistente senti responsabilidade de prosseguir carreira, embora a situação me levantasse sérios problemas» (havia casado em 1961 e teve os seus dois primeiros filhos em 1962 e 1963). Veio a doutorar-se em 1971.

Quanto a Maria Carlos de Figueiredo, questionada sobre as expetativas que tinha como assistente e se sentiu apoios ou entraves, confessou-nos que «Gostava muito de ter feito carreira universitária» e ainda nos disse que «Claro que, desde que aceitei ser assistente, encarei a possibilidade de fazer carreira universitária». Afirmou-nos ainda: «Não tive muitos apoios mas, principalmente, a minha vida familiar impediu-me de me ter dedicado, como acho ser necessário, à investigação e ao estudo. Tive 5 filhos, todos muito próximos». Nasceram em 1965, 1966, 1967, 1968 e 1974. Relativamente à forma como achava que era vista sendo uma das primeiras assistentes de Matemática, respondeu-nos: «Parece que, quando passávamos pelos homens de Direito, nos Gerais, éramos vistas como “fenómenos”. Mas era só aí...». Revelou-nos que a quase totalidade dos professores com quem trabalhou (e de quem tinha sido aluna) a «tratavam não digo à distância mas, pior, com indiferença». Disse-nos ainda que este sentimento seria alargado a todos os assistentes, mesmo aos homens. Depois de ter saído da UC, foi assistente da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (de 1964 a 1972) onde sentiu um ambiente mais acolhedor por parte dos professores mais antigos, foi investigadora com bolsa do IAC em 1973 e 1974. Em 1975, sem ter concluído a tese de doutoramento, saiu do Ensino Superior e ingressou no Ensino Secundário, onde permaneceu até se aposentar.

No ano letivo de 1962/1963 mantiveram-se ao serviço da Secção das

Ciências Matemáticas as mesmas duas assistentes. Este ano letivo foi caracterizado por uma forte discussão em torno da regência de aulas teóricas por parte de assistentes, o que era analisado e votado pelo Conselho da Faculdade de Ciências. A propósito da atribuição da regência de Geometria Superior a um de dois assistentes homens e da exposição dos argumentos que cada um apresentou a alguns dos conselheiros presentes, que iam desde «a não conveniência» ao «atrazo (que daí poderia advir) à sua vida académica», vimos em ata de 1 de março de 1963 uma referência incorreta a Fernanda Aragão Aleixo (Neves de Oliveira, por casamento com o também assistente Graciano Neves de Oliveira). Esta incorreção, colada certamente ao facto de ser esposa de quem era está patente na frase: «Como há ainda os licenciados (A.) Carmo Moral e Maria Fernanda Graciano, vão ser consultados (...)» ([1] ata de 1/3/1963, pp.72 e 74). Refira-se que foi a Fernanda Aleixo que a regência foi entregue, conforme informa a ata do já referido Conselho de março do mesmo ano. Foi também nesta ata que pudemos observar mais uma vez os procedimentos distintos na contratação de mulheres assistentes dentro da Faculdade de Ciências: «O Dr. Abílio Fernandes propôs que fosse contratada assistente do 2º Grupo da 3ª Secção (Botânica) a licenciada D. Maria Margarida Dias Martins Vicente (...)».

No encerramento do ano letivo, na ata de 31 de julho de 1963, deparamo-nos com uma ideia que talvez tenha levado à mudança na contratação dos assistentes para as Ciências Matemáticas: «(...) O Dr. Manuel Murta chamou a atenção para a necessidade de se contratarem novos assistentes para a Secção (...), visto que no próximo ano lectivo há quatro assistentes que deixam o serviço da Faculdade. Foi decidido que fossem convidados quatro licenciados dos que apresentam melhor classificação (...)» ([1] ata de 31/7/1963, p.92-verso).

Embora não seja claro na sua intenção a não discriminação de género, ficou deliberado que seriam convidados os que possuísem média mais alta, coisa que nem sempre tinha acontecido até então. A título de exemplo refira-se o caso de Maria Teresa de Jesus Castro Dias Martins Vicente (Coimbra, 16/5/1928), licenciada em 1950 com média de dezoito valores (a segunda a consegui-lo no período de 1891 a 1962), que viu um colega com média de dezassete ser convidado para assistente, sem que alguém lhe falasse sequer do assunto.

De facto para o ano letivo de 1963/1964, foram os licenciados (em 1963) com média mais elevada que foram contratados como assistentes: «(...) Ficou assente o contrato, pela Faculdade, o seguinte pessoal (...) segundos assistentes para a Secção de Matemática, licenciados Rui António de Agonia

Pereira, Maria Ivone Madalhas (Leça do Balio, 13/3/1942) e Maria dos Anjos Saraiva (Coimbra, 20/7/1942; 2011) (...)»([1] ata de 31/10/1963, p.104). Tinham média de quinze, dezasseis e quinze valores, respetivamente.

Embora a ata não o refira, acrescenta-se à lista de assistentes contratados o nome de Maria Áurea de Jesus Pimenta (Bensafim, Lagos, 14/2/1942) licenciada com quinze valores. Neste ano letivo e nos dois seguintes, Fernanda Aleixo encontrava-se em comissão de serviço nos Estudos Gerais Universitários de Moçambique (EGUM) e Maria Carlos de Figueiredo rescindiu o seu contrato em outubro de 1963.

Nenhuma das mulheres contratadas pela primeira vez em 1964 fez carreira académica. Maria Áurea Pimenta findou o seu contrato com a UC em 1969, lecionou nos três anos seguintes na Universidade do Porto e depois ingressou no Ensino Secundário, onde permaneceu até se aposentar. Maria Ivone Madalhas, a melhor aluna do seu Curso (Prémio João Farinha pelo facto) foi bolseira da NATO em Grenoble, França, saiu da UC em 1972 e ingressou mais tarde no Ensino Secundário onde se manteve até à aposentação. Maria dos Anjos Saraiva, embora sem doutoramento, lecionou sempre no Ensino Superior: depois da Secção das Ciências Matemáticas da UC, esteve nos EGUM (e mais tarde na Universidade de Lourenço Marques), passou ainda em acumulação (1975) pela Universidade de Aveiro (UA) e foi na Faculdade de Economia da UC que permaneceu mais tempo (de 1976 a 2004, quer como assistente quer como assistente convidada). Lecionou ainda na Universidade Portucalense (Porto) e desde 1980 foi Técnica Superiora Principal da Comissão de Coordenação da Região Centro.

No ano letivo de 1964/1965 o número de docentes do sexo feminino aumentou de quatro para dez, segundo as informações disponíveis. Às quatro do ano letivo anterior, juntaram-se-lhes: Adosinda Imirene Dias (Távora, Arcos de Valdevez, 24/6/1939) licenciada com catorze valores; Iria Manuela de Figueiredo Cardoso (Viseu, 29/11/1942), licenciada com quinze valores; Maria Beatriz Fernandes Matias (Ílhavo, 12/10/1942) licenciada com quinze valores; Maria Fernanda de Melo Henriques (Passos de Silgueiros, Viseu, 5/11/1940) licenciada com quinze valores; Maria Helena Fernandes Amaral (Vila Cortês da Serra, Gouveia, 3/9/1938) licenciada com quinze valores e Maria Orquídea Sucena e Graça Cadete (Quelimane, Moçambique, 7/11/1931) licenciada com treze valores. De entre todas, só Maria Beatriz Matias se doutorou (em 1980) pela UA com a tese *Filas de espera com serviço por acompanhamentos dependentes do número de clientes presentes no sistema*. Foi a primeira mulher a doutorar-se em Matemática na referida Universidade onde chegou a professora catedrática.

No ano letivo de 1965/1966 atingiu-se o máximo de quinze mulheres segundas assistentes além do quadro na 1ª Secção da Faculdade de Ciências da UC. Mesmo nos anos imediatamente subsequentes este número não foi ultrapassado. As dez do ano anterior mantiveram-se de acordo com a informação que consta do Anuário de 1965/1966 (pp.266-269). Passaram a ser tantas quantas as que existiam nas restantes Secções de toda a Faculdade de Ciências o que revela que, a ter existido algum bloqueio na contratação de mulheres nesta Secção, este terá desaparecido. As cinco novas assistentes contratadas foram: Maria Arnalda Silva Mendes de Vasconcelos (Faro, 16/1/1944) e Maria Emília Fernandes Miranda (Guimarães, 11/10/1943), licenciadas com dezasseis valores; Maria de Lurdes Pinto e Pinho (Vila Nova de Famalicão, 15/5/1943), Maria Manuela Neves Correia de Pinho (S. Jorge, Vila da Feira, 13/3/1944) e Maria Manuela Oliveira de Sousa Antunes (Coimbra, 26/12/1943), licenciadas com quinze valores. Maria Arnalda Vasconcelos e Maria de Lurdes Pinho não se doutoraram, contudo leccionaram sempre no Ensino Superior. Maria Emília Miranda e Maria Manuela Antunes (Sobral, de casamento) doutoraram-se em 1982 e 1984, respetivamente, enquanto assistentes na Secção das Ciências Matemáticas da UC. Maria Manuela Pinho doutorou-se em 1992 sendo na altura assistente na Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa.

Comparemos a presença feminina nos grupos de docentes nas diferentes Faculdades, na 1ª Secção da Faculdade de Ciências (Ciências Matemáticas) e em toda a UC nos anos letivos 1961/1962 e 1965/1966:

Faculdade	Taxa de feminização 1961/1962	Taxa de feminização 1965/1966
Medicina	4%	7%
Ciências (e Tecnologia)	6%	29%
Letras	11%	16%
Direito	4%	0%
Farmácia	13%	22%
1ª Secção da FC	12%	56% (*)
Universidade de Coimbra	7%	20% (*)

(*) Estes valores (percentagem de mulheres relativamente ao número total de docentes) foram determinados tendo em conta os dados que possuíamos a respeito do número de mulheres docentes na 1ª Secção e não os dados que constam do Anuário, uma vez que não estão completos.

Concluimos que o maior aumento da percentagem do número de mulheres docentes ocorreu na FCUC. Não foi certamente alheio a este facto o elevado número de contratações feitas na Secção das Matemáticas. A percentagem de mulheres quase que quintuplicou em toda a FCUC bem como na 1^a Secção. Estes aumentos em nada se compararam com os observados nas restantes Faculdades (Anuário 1961/1962, pp. 73-134; 136-145; Anuário 1965/1966, pp. 89-95, 137-151, 213-221).

Nos anos em que o aumento do número de mulheres assistentes se fez mais sentir (1964/1965 e 1965/1966) houve uma manutenção do número dos seus colegas homens em cerca de uma dúzia (Anuário 1964/1965, pp. 97-98; Anuário 1965/1966, pp. 266-267).

Relativamente aos assistentes além do quadro ao serviço da Secção no ano letivo 1965/1966 que fizeram doutoramento os números (por género) são bem distintos: 29% para as mulheres e 75% para os homens. A contratação de mulheres para este serviço (docente e sem contar que passassem daí) prendia-se certamente com o facto de muitos «assistentes estarem a prestar serviço militar nas Províncias Ultramarinas e nos Estudos Gerais Universitários, especialmente em Moçambique (...)» (Anuário 1965/1966, pp. 11, 266-267).

Outra das razões seria o aumento crescente do número de alunos, preocupação evidenciada pelo Reitor no seu Relatório apresentado à Academia em 20/10/1965 onde realçou ainda que só tinha ao serviço cerca de um quarto dos docentes que a UC precisava e que a escassez de instalações se acentuará num futuro muito próximo. Focou em particular a situação da FC onde se tem verificado «(...) um prudente mas substancial alargamento dos quadros do pessoal docente (...)» (Anuário 1965/1966, pp. 14, 16, 22).

O número de alunos da FCUC (onde estaria a maioria das cadeiras lecionadas pela Secção em apreço) aumentou em 1964/1965 em cerca de 19% (na UC o crescimento global foi de 9%) e em 1965/1966 aumentou 10%. Só em 1961/1962 o aumento havia sido superior (22%). Nos anos letivos 1962/1963 e 1963/1964 o aumento não excedeu 5% (Anuário 1965/1966, p. 11) ([4], p. 95).

De 1966/1967 a 1970/1971 o número médio de mulheres assistentes na 1^a Secção da FCUC foi aproximadamente treze e poucas foram as novas entradas. As novas contratações neste período e de acordo com as fontes consultadas foram: Maria Deolinda da Conceição Silva (Sangalhos, Anadia, 11/6/1945) e Maria João de Sousa Bessa (Penafiel, 11/5/1945), licenciadas com dezasseis valores e contratadas em setembro de 1966; Maria Celestina

Ribeiro Laranja (Vila do Conde, 9/4/1945), licenciada com quinze valores e contratada em outubro de 1968; Maria Isménia Grilo Lamas (Fajão, Pampilhosa da Serra, 3/8/1935), licenciada com catorze valores e contratada em outubro de 1968; Maria de Fátima Correia Gonçalves Coelho (Porto, 10/12/1942), licenciada com catorze valores e contratada em novembro de 1968; Maria Helena Cunha Simões da Silva (Coimbra, 27/8/1930), licenciada com 17 valores e contratada em julho de 1969 e Isabel Maria Santos Neves Zuzarte (Coimbra, 12/3/1947), licenciada com dezassete valores e contratada em dezembro de 1969.

Até 1956, na UC, mulher alguma havia obtido o grau de doutora, com exceção de Cristina Cunha que se terá doutorado em Medicina em junho de 1925, contudo crê-se que terá sido um «doutoramento profissional e não (...) académico» ([4], p. 73). De facto, nos registos encontrados no Anuário da UC de 1921/1922 encontrámos o registo de Cristina Cunha, natural de Santa Maria Maior, Funchal, a frequentar um número considerável de cadeiras do Curso de Medicina. No livro Faculdade de Medicina, Novo período transitório, Informações finais, 1918 a, depositado na Tula dos Serviços Académicos da UC e que contém as atas da Congregação da Faculdade, encontrámos (p. 13) a informação da sua licenciatura com 13 valores (Suficiente). Contudo, a sua ficha no mesmo arquivo remeteu-nos para o livro de registos Medicina, Reforma de 1911, Lic., doutoramentos, Índice 2. Neste encontrámos a informação de que se doutorou a 20 de junho de 1925. A tese que apresentou, Sobre o estudo estatístico e toxicológico dos envenenamentos pelo arsénico, foi editada pela Tipografia da Gráfica Conimbricense (5/6/1925) e é um pequeno livro de 23 páginas de tamanho inferior ao A5. Nele pudemos saber que a candidata foi «Admitida, ressaltando-se qualquer responsabilidade da Faculdade em relação à doutrina e à forma desta dissertação» (Biblioteca das Ciências da Saúde da UC, Z1-38-882).

Em 1956, foi Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira a obter este grau em Filologia Clássica. Até esta data e desde 1917, em Portugal, treze mulheres tinham obtido o grau de doutoras, sendo que dez o efetuaram na Universidade de Lisboa e as restantes na Universidade do Porto [3]: duas na área da Farmácia, quatro nas Faculdades de Letras, cinco nas de Ciências (Biologia, Geologia e Química), uma na área da Medicina e outra na de Direito.

A primeira mulher doutorada em Matemática em Portugal foi Maria Luísa Noronha Melo de Galvão em 1963 na Universidade de Lisboa. En-

tre 1961 e 1970, a percentagem de mulheres doutoras (em todas as áreas) manteve-se semelhante à das duas décadas anteriores e rondou os 6% [3].

Na UC, a primeira mulher a doutorar-se em Matemática foi Fernanda Aragão Aleixo (Neves de Oliveira) em dezembro de 1971 (com 38 anos) defendendo a tese Sobre a Aplicação da Análise Intervalar à Resolução Numérica de Equações Diferenciais. Antes, no país, só o haviam feito na sua área a já referida Maria Luísa Galvão, Maria de Fátima Fontes de Sousa, em 1970 e Margarita Benito Ramalho em julho de 1971, todas na Universidade de Lisboa. Já na UC (em todas as áreas) apenas quatro mulheres se doutoraram antes de Fernanda Aragão Aleixo: duas em Letras (1956 e 1963), uma em Biologia (1965) e uma em Medicina (1969) [2] [3].

De acordo com os dados disponíveis, desde o início do século XX até 1971, a UC conferiu o grau de doutor em Matemática a vinte seis candidatos com apenas uma mulher na lista. A média das idades nas três primeiras décadas do século XX, aquando da defesa da sua tese era 32 anos, aproximadamente. Dos anos quarenta até 1971, a média das idades dos catorze candidatos subiu para 35 anos e seis deles tinham idade superior à média.

Em 1977, a segunda mulher a doutorar-se em Matemática estando ao serviço da UC, foi Isabel Maria Santos Neves Zuzarte (Tully) (com 30 anos) que defendeu a tese *Synthesis of sequences for traffic signal controllers using techniques of the theory of graphs*. Este doutoramento foi realizado na Universidade de Oxford, UK.

A terceira doutora em Matemática na UC foi Maria Paula Martins Serra de Oliveira em outubro de 1981. Realizou-o em Portugal e a sua tese tinha por tema *Alguns problemas de optimização de estruturas*, na Especialidade de Análise Numérica e Computação [2].

A quarta mulher doutorada ao serviço da UC na área da Matemática foi Maria Teresa Fernandes de Oliveira (Martins) licenciada em 1974 pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, rumou a Coimbra, tendo ainda passado pelo então Instituto Politécnico da Covilhã de onde saiu para a Universidade de Warwick, no Reino Unido onde, em novembro de 1981, defendeu a tese de doutoramento (com 30 anos) com o tema *Hook Representations in the general linear groups*. Viu o seu doutoramento reconhecido em Portugal no ano seguinte.

Foi também em 1982 (novembro) que Maria Emília Fernandes Miranda (com 39 anos) concluiu o seu doutoramento com a tese Sobre valores singulares de matrizes complexas. Foi a quinta mulher a consegui-lo em Matemática na UC. O seu orientador foi Graciano de Oliveira, o «responsável por ter chegado aqui», afirmou-nos em entrevista em dezembro de 2012. Esta responsabilidade teve a ver com o facto de Graciano de Oliveira ter pretendido criar um «grupo de investigação» no final dos anos sessenta do século XX, ao chegar de Inglaterra depois de ter concluído o seu doutoramento. Quis incluir Maria Emília Miranda que foi assim mais tarde «empurrada de forma insistente (...) para ir para Grenoble». Aí permaneceu na Université Scientifique et Médicale entre 1970 e 1973 com bolsa da FCG e equiparada a bolseira do IAC, obtendo o Diplôme d'études approfondies (DEA).

A sexta doutorada foi Maria de Fátima da Silva Leite que rumou a Inglaterra para ingressar no Control Theory Center, parte integrante do Departamento de Engenharia Eletrotécnica da Universidade de Warwick. Em janeiro de 1983 (com 32 anos) defendeu a tese Uniform finite generation of the orthogonal group and applications to control theory.

A sétima doutorada em Matemática na UC foi Maria Manuela Oliveira de Sousa Antunes (Sobral). Em fevereiro de 1984 (com 41 anos), com a tese Adjoint triangles with the same projectives relative to the right adjoint functors, obteve o grau de Doutora na University of South Africa (UNISA), em Pretória, onde já havia obtido o grau de Mestre em abril de 1978. Só em novembro de 1984 ficou concluído em Portugal o processo de equivalência do doutoramento realizado.

Também em 1984, mas em dezembro, foi a vez de Maria Fernanda Simões Patrício defender a tese de doutoramento Métodos Numéricos para problemas com condição inicial: precisão e estabilidade. Contava com 35 anos e foi orientada por Fernanda Aragão Aleixo. Saiu de Portugal apenas por um período de dois meses, tornando-se por isso a primeira a fazer toda a preparação sem sair do país.

Maria de Nazaré Simões Quadros Mendes (Lopes) foi a nona a obter o grau de doutora em janeiro de 1985 (com 29 anos) com a tese Análise Estatística dos processos pontuais cromáticos. Em 1982 havia obtido o DEA em Estatística e Probabilidades no Institut de Statistique da Université Paris VI (Université Pierre et Marie Curie- ISUP).

A décima mulher a doutorar-se no Departamento de Matemática da UC (DMUC) foi Natália Isabel Quadros Bebiano (da Providência e Costa) defendendo em julho de 1985 (com 32 anos) a tese *Contradomínios numéricos generalizados de matrizes- variações* sobre este tema. A preparação do seu doutoramento foi totalmente feita em Portugal.

Em janeiro de 1986 (com 37 anos), Maria Célia Correia dos Santos (Miranda do Corvo, 26/4/1948; Coimbra, 10/1994) foi a décima primeira a doutorar-se com a tese *Métodos iterativos para o problema de valores próprios*.

A décima segunda (e última no período estudado) foi Maria Rosália Rodrigues com a tese *A tree-based algorithm for component placement* em junho de 1986 (com 36 anos) no Departamento de Ciências da Computação da Universidade de Manchester, Reino Unido. Esta pioneira na área das Ciências da Computação, havia sido colocada neste Departamento no ano letivo de 1976/1977 como bolseira do British Council. Nesta Universidade foi ainda bolseira do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC) e aí conseguiu obter o grau de Mestre em Ciências da Computação (1978). Foi também aí que iniciou a preparação da sua tese de doutoramento até 1981, ano em que o DMUC exigiu o seu regresso definitivo alegando necessitar dos seus serviços e por já estar fora há cinco anos. Refira-se que o quarto ano de dispensa já havia sido vetado pelo DMUC «(...) e essa decisão foi revogada a nível da FCTUC, o que parece ter provocado grande indignação(...)», conforme nos disse. Sempre ligada ao referido Departamento da Universidade de Manchester prosseguiu os seus trabalhos de preparação do doutoramento e foi em dezembro de 1986 que o viu reconhecido em Portugal com equivalência a um doutoramento em Análise Numérica e Computação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sentindo, como nos disse em entrevista em janeiro de 2014 que havia elementos no Júri português que «achavam que aquilo não era Matemática».

Refira-se que o procedimento do DMUC de limitar o tempo de dispensa de serviço foi um denominador comum a alguns dos casos abordados mesmo quando existia patrocínio de outras instituições (INIC, FCG, por exemplo). Não haveria (ainda) o entendimento que, dependendo da área de estudo, alguém precisasse por exemplo de cinco anos para fazer o que os outros faziam em três, fosse mulher ou homem.

Dos percursos estudados concluímos que os órgãos dirigentes do agora DMUC entendiam (marca de uma época) que antes de um assistente iniciar

a preparação do doutoramento deveria permanecer pelo menos dois anos ao seu serviço a fim de construir ideias e eventualmente descobrir áreas afins de investigação. Contudo, não podemos deixar de referir que esta ideia não foi sempre a vigente. Houve pelo menos um caso (no feminino) que quando demonstrou vontade de sair do país com o objetivo de se doutorar, ouviu a resposta de que ainda era cedo. Nesta altura, contudo, já havia um colega seu de Curso (homem) ausente em Inglaterra há dois anos com o mesmo propósito.

Não podemos deixar de concluir que nos parece que a Secção das Ciências Matemáticas da UC nem sempre foi recetiva à presença de mulheres no seu corpo docente uma vez que, até 1961, só descobrimos uma situação (1946 com Maria Madalena Biscaia) em que procedeu como era usual na contratação de assistentes: apresentar o nome para aprovação dos órgãos diretivos da FC. Mesmo aqui (e coisa rara) falava-se de candidatos (uma mulher e três homens) e todos foram contratados exceto Maria Madalena Biscaia que não recebeu o aval do poder central. Dois dos candidatos contratados tinham média inferior a si (quinze valores). Até 1961, só vimos homens licenciados propostos e aprovados para ocuparem o lugar de assistentes na Secção. Diríamos mesmo que haveria um acordo tácito entre os professores com poder de decisão que este seria o procedimento e que não era questionável. Num período com falta evidente de assistentes (o prazo de três anos para preparar doutoramento levava-os ao abandono das funções) e dificuldades sérias na sua contratação em que «(...) os raros diplomados com distinção se encontram dispersos por variadas ocupações que não querem trocar por uma tão precária» (ata de 6/11/1944, p.125), a Secção insistia em não proceder como as demais. Veja-se em novembro de 1949 o exemplo da Secção de Ciências Físico Químicas que propõe o nome da recém-licenciada Maria Esmeralda Raínho, licenciada com quinze valores em Ciências Geofísicas e que se havia licenciado com a mesma média em Matemática dois anos antes. A mesma pessoa não teve atenções semelhantes das duas Secções da mesma Faculdade... (ata de 30/11/1949, pp. 68, 68-v).

Em 1952, depois de Manuel dos Reis ter afirmado que seria necessário a contratação de assistente para o seu Grupo e não ver «antigo aluno distinto que possa ser convidado a exercer tais funções», vimos um licenciado com treze valores ser admitido dois meses depois (atas de 24/3/1952, p.128-v; 6/5/1952, p.129-v). Relembremos que em 1949/1950, Maria Teresa Vicente se havia licenciado com dezoito valores e nunca foi sondada para exercer tais funções e que em 1951, Maria Helena Simões da Silva havia conquistado a média de dezassete.

Para além destes inegáveis casos de discriminação de género dentro da Secção (e que fizeram regra) são também incontornáveis as razões de índole familiar que pesavam na decisão de trilhar uma carreira académica: prazos curtos (três ou quatro anos na década de quarenta) para preparar doutoramento e necessidade de sair do país eram inconciliáveis com a realidade da maioria das mulheres que já tinham ou que gostariam de vir a ter uma família. A maioria das que, neste período, aceitaram ser assistentes sem qualquer pretensão em fazer carreira académica, fizeram-no com a ideia de terem um trabalho perto de casa o que não ocorreria se fossem lecionar no Ensino Secundário público.

Claro que a atitude de alguns dos professores mais conservadores pode ter mudado um pouco (veja-se o caso da contratação de Maria João Bessa em 1966 a convite de Manuel dos Reis), contudo terá sido a necessidade provocada pela ausência dos homens a cumprirem o serviço militar e a entrada de professores mais novos e mais recetivos à mudança que fizeram mudar o panorama da presença de mulheres docentes na Secção das Ciências Matemáticas da UC. Refira-se que esta Secção da UC foi a última a contratar mulheres docentes mas a primeira a incluir uma aluna que frequentou todas as cadeiras de um dos seus cursos. Tal ocorreu em 1891/1892 e foi protagonizado por Domitilla Hormizinda Miranda de Carvalho (São Martinho de Travanca, Feira, 10/4/1871)...

Referências

- [1] Atas da Faculdade de Ciências, AUC.
- [2] Página de *internet* da Universidade de Coimbra, separador “Informações e serviços académicos”, <http://www.uc.pt/academicos/provas/doutoramentos/> (acedida em 12 fevereiro 2014).
- [3] D. Correia e R. Albuquerque, “A evolução dos doutoramentos”, 8 março 2013. Informação disponível em <http://publico.pt/multimedia/infografia/evolucao-dos-doutoramentos> (página acedida em 3 abril 2013).
- [4] J. F. Gomes, “A mulher na Universidade de Coimbra”, Coimbra: Livraria Almedina, 1987.
- [5] M. A. Rodrigues, “Memoria Professorum Universitas Conimbrigensis 1772-1937”, Coimbra: AUC, 1992.
- [6] M. d. A. Trindade, “Memórias de um bispo”, 2ª edição revista e ilustrada ed., Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1994.